

Mônica Andrade Mendes

LIVRO INFANTIL – POLIANA QUER SER ARTISTA

Rio de Janeiro

2025

Mônica Andrade Mendes

LIVRO INFANTIL – POLIANA QUER SER ARTISTA

Produto educacional da Especialização apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador (a): Professor (a) Valquíria Cordeiro Fernandes, M.a em Artes.

Rio de Janeiro
2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

M538 Mendes, Mônica Andrade

Livro infantil : Poliana quer ser artista / Mônica Andrade Mendes. -
Rio de Janeiro, 2025.

47 f.

Produto educacional de Especialização apresentado como Trabalho
de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Artes Visuais –
EAD) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa,
Extensão e Cultura.

Orientador: Valquíria Cordeiro Fernandes.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Desenho infantil. 3. Livros
para crianças. 4. Expressão. I. Fernandes, Valquíria Cordeiro. II. Colégio
Pedro II. III. Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Mônica Andrade Mendes

LIVRO INFANTIL – POLIANA QUER SER ARTISTA

Produto Educacional de Especialização apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: 10/05/2025.

Banca Examinadora:

M.a em Artes Professora Valquíria Cordeiro Fernandes (Orientadora)
Colégio Pedro II

Titulação e nome do segundo membro da banca
Instituição a que pertence

Titulação e nome do terceiro membro da banca
Instituição a que pertence

Rio de Janeiro
2025

Dedico esse trabalho aos meus pais, Penha e Pedro (*in memoriam*) e a minha avó Palmira, que sempre caminharam ao meu lado me apoiando a ir em busca dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e a Nossa Senhora pela oportunidade em estar concluindo essa especialização. Em meio a um ano com inúmeras mudanças, esse foi um desafio que, sem dúvidas, trouxe experiências inesquecíveis na minha formação pessoal e profissional.

A minha mãe Penha, meu pai Pedro (*in memorian*) e avó Palmira, sou extremamente grata pela minha formação e por todo apoio que me deram. Vocês são a minha base e apoio para ir em busca dos meus sonhos. Sem vocês nada seria possível!

Ao meu tio Mário (*in memorian*), as minhas madrinhas e padrinhos, vocês são um presente na minha vida! Obrigada por todo apoio e incentivo ao longo desses anos.

Agradeço a todo corpo docente e funcionários do Colégio Pedro II, aos colegas do curso, e em especial a minha orientadora professora Valquíria Cordeiro Fernandes, pelo suporte dado longo desses meses e todo aprendizado construído e compartilhado;

Aos meus amigos antigos, agradeço pela paciência em suportar o processo de dedicação e as abdições em tantos eventos e atividades. Tenho certeza que cada um de vocês compreendem a importância que os estudos ocupam na minha vida;

Aos novos amigos que tenho construído no transcorrer dos últimos tempos, sejam bem vindos! Espero que sintam-se a vontade para permanecer na minha vida, e saibam que em meio as minhas imperfeições, estou disposta a construir uma linda história com vocês!

E, por fim, mas não menos importante, reconheço meu esforço ao longo desses meses e dedico um agradecimento especial a todos os momentos de resiliência que tive que enfrentar.

Obrigada a criança que habita em mim e que resiste em lutar por dias melhores!

A liberdade e a poesia a gente aprende com as
crianças. (Manoel de Barros, 1999)

RESUMO

O produto educacional, apresentado através da pesquisa qualitativa, decorre da produção do livro infantil: “Poliana quer ser artista”, direcionado para crianças a partir de cinco anos de idade. O livro não se restringe apenas ao público infantil, visto que traz provocações para jovens e adultos, perante a importância do desenho como forma de expressão. A pesquisa conta com um embasamento teórico, através de autores como Ana Mae Barbosa, Rosa Iavelberg, Paulo Freire, Manoel de Barros, bem como, outros pesquisadores e estudiosos da área. Teremos a apresentação do produto educacional com a história de Poliana, uma menina que gostava de desenhar; em dado momento, durante o seu crescimento, percebeu que queria levar seus aprendizados na área artística para vida profissional. O livro sugere que busquemos onde está o artista que existe em cada leitor (a); posteriormente, é apresentada a sugestão de atividades a serem realizadas a partir da leitura da obra. Por fim, é ressaltado a notoriedade do incentivo do desenho como forma de expressão entre crianças e adultos; destacando que a proximidade com a arte desde cedo, gera um menor distanciamento entre a prática do desenho durante a infância e no transcorrer da vida adulta.

Palavras-chave: desenho infantil; livro infantil; expressão.

ABSTRACT

The educational product, presented through qualitative research, results from the production of the children's book: "Poliana wants to be an artist", aimed at children aged five and over. The book is not restricted to children, as it brings provocations for young people and adults, given the importance of drawing as a form of expression. The research has a theoretical basis, through authors such as Ana Mae Barbosa, Rosa Iavelberg, Paulo Freire, Manoel de Barros, as well as other researchers and scholars in the area. We will present the educational product with the story of Poliana, a girl who liked to draw; At a certain point, during his growth, he realized that he wanted to take his learning in the artistic field into his professional life. The book suggests that we look for the artist in each reader; Subsequently, suggestions for activities to be carried out after reading the work are presented. Finally, the notoriety of encouraging drawing as a form of expression among children and adults is highlighted; highlighting that proximity to art from an early age creates a smaller gap between the practice of drawing during childhood and throughout adulthood.

Keywords: children's drawing; children's book; expression.

LISTA DE FIGURAS (ILUSTRAÇÕES)

Figura 1 – Poliana quer ser artista	24
Figura 2 – Contra capa.....	25
Figura 3 – Apresentação de Poliana	26
Figura 4 – O contato com a natureza	27
Figura 5 – Observação dos espaços	28
Figura 6 – O bloco de desenhos	29
Figura 7 – O desenho e a brincadeira	30
Figura 8 – Folha em branco	31
Figura 9 – As funcionalidades do papel	32
Figura 10 – Transformação	33
Figura 11 – A formação do desenho	34
Figura 12 – Mudanças	35
Figura 13 – O desejo de Poliana	36
Figura 14 – Tornar-se artista	37
Figura 15 – Os aprendizados de Poliana	38
Figura 16 – As possibilidades do artista	39

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO/ INTRODUÇÃO	11
2	FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA-TEÓRICA	14
2.1	A arte nas escolas	16
2.2	O auxílio do educador no desenho cultivado da criança e do jovem	16
2.2.1	<i>O papel do educador enquanto incentivador</i>	18
2.2	A utilização de imagens na sala de aula	20
3	DESENVOLVIMENTO	23
3.1	Produto educacional	24
3.2	Sugestão de atividades práticas	39
4	CONCLUSÃO	43
	REFERÊNCIAS	45

1 APRESENTAÇÃO/ INTRODUÇÃO

O desenho infantil é uma forma de expressão da criança pequena, na qual ela manifesta-se a partir de riscos, rabiscos, garatujas. O homem sempre desenhou, conforme destacado por Derdyk (1993), essa é uma linguagem antiga e permanente, sofrendo diversas transformações ao longo dos anos, demarca diferentes culturas e histórias; tais marcas nos permitem conhecer o percurso de nossos antepassados. O homem na pré-história buscava formas de comunicação com seus pares; a pintura, por sua vez, foi a maneira encontrada para realizar esse diálogo, no qual buscavam expressar sentimentos e pensamentos (Mendes, 2019).

As inovações tecnológicas nos permitem ter acesso a diferentes meios e técnicas utilizadas ao longo dos anos demarcando e acompanhando a história do desenho, como exemplo, temos os seguintes instrumentos: o lápis, pincel, carvão, grafite, caneta; consecutivamente a diferentes suportes, como papéis, paredes, areia, computador; a borracha, régua, compassos. É notório destacar que o lápis moderno com grafite, conforme conhecemos na atualidade, surge somente durante a Revolução Francesa. Ou seja, durante a antiguidade a arte tinha diferentes suportes que foram-se modificando ao longo do tempo (Iavelberg, 2008).

É através do desenho que a criança representa aquilo que vivencia, o que percebe do mundo, externalizando o que existe em sua imaginação. Busca reproduzir através dos traços o que sente, e expressa aquilo que, por vezes, ainda não é possível de ser feito pelas palavras. A partir do desenho a criança se desenvolve, para isso, basta existir uma superfície, na qual ela possa brincar, criar, registrando os seus pensamentos (Carvalho, 2015).

Logo, retratando a história, o desenho traz marcas da cultura local. Essa forma de expressão continuou demarcado muitas épocas e grupos, independente dos limítrofes de territórios, superando fronteiras, o tempo e a idade. O desenho infantil é uma forma de comunicação das crianças; para Mèredieu (2006), primeiramente o desenho é motor, torna-se um momento de descoberta dos seus movimentos e extensões; existe um prazer na gesticulação. Após passar por processos de experimentação e um amadurecimento motor e cognitivo, ganha novos formatos. O fato, diz respeito a expressividade existente através do desenho da criança, seu poder de observação e representação sobre a realidade que o cerca.

O poeta Manoel de Barros, relata em seus poemas a pureza da infância, a proximidade com a natureza, a reflexão do mundo sobre as suas completudes e incompletudes. Para isso, observou situações corriqueiras, muitas vezes julgadas como simples e desimportantes, buscando inspiração no olhar das crianças. Complementando, Cortella (2020) destaca que a arte

não é necessária com objetivo de sustentar o corpo humano como forma de alimento proteico, mas sim como forma de deixar nossa marca no mundo, não reduzindo a nossa existência apenas a biologia.

A justificativa pela escolha do tema está vinculada a uma relação pessoal estabelecida com o ato de desenhar. Desde criança, tive acesso a folhas de rascunho datilografadas que tornaram-se uma grande companhia no momento de criação, exploração de movimentos e sensações. Com decorrer do tempo, os rabiscos foram modificando o formato e procurando novas superfícies; dentre elas, o fundo da gaveta do escritório, o quadro de giz, ou até mesmo, os descansos de pratos; desenhava incessantemente e recebia esse incentivo por parte dos meus pais que desde cedo identificaram a minha afinidade com o desenho.

Durante um longo período acreditava que os desenhos feitos na infância seriam descartados ou perderiam-se, mas com o falecimento do meu pai, minha mãe me entregou um pacote, cujo desconhecia a existência. No embrulho haviam diversos desenhos da infância, inclusive os primeiros rabiscos. Dessa forma, foi produzido o trabalho de conclusão do curso em pedagogia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, cujo título destaca-se como: “O papel do desenho infantil na formação da identidade infantil: meros rabiscos ou importante base?”, contando com a presença de ilustrações de autoria própria desenvolvidas durante a infância e adolescência (Mendes, 2019).

No transcorrer da especialização em Ensino de Artes Visuais tornou-se possível revisitar os debates vivenciado em pesquisas anteriores, a partir novas experiências, visando ampliar as discussões sobre a necessidade de obter um olhar cauteloso para o desenho na infância. Para isso, torna-se necessário pensar em estratégias que reforcem e defendam o desenho infantil como uma importante linguagem da criança pequena. Assim, surgiu o desejo de produzir um produto educacional, a fim de tornar todos esses debates em um instrumento palpável de ser utilizado entre educadores, responsáveis e crianças.

Olhar a temática sobre uma nova perspectiva, possibilita a reflexão sobre a prática construída ao longo desses anos, buscando melhorias. A problemática da pesquisa leva-nos a reflexão: Como não desestimular as crianças a se expressarem através do desenho? Esse questionamento ainda ressoa. O desenho, por vezes, acaba sendo desestimulado ao longo dos anos através de julgamentos, comentários e comparações que levam as crianças a perderem o encantamento em tal linguagem. É comum observar que ao longo desenvolvimento da criança, o ato de desenhar vai sendo posto a um segundo plano.

A arte desempenha um papel fundamental no desenvolvimento global da criança. É a partir dela que é desenvolvida a sensibilidade, a imaginação, as percepções e expressividade. Ao pensar na criança pequena, o desenho é a maneira como ela comunica-se com o mundo que a cerca; proporcionando diferentes formas de compreensão. Observando as escolas, infelizmente, atualmente, ainda existe uma distorção dos objetivos do ensino de arte tendo-o como um dom ou, até mesmo, como um talento artístico, e acabam, desse modo, reforçando a ideia advinda do senso comum como um divertimento ou passatempo para os alunos (Carvalho, 2015).

Por isso, pensando em um instrumento palpável, o produto educacional final da especialização em Ensino de Artes Visuais, visa a criação de um livro infantil; tendo como objetivo desconstruir a associação do desenho da criança como um mero rabisco e respeitando-o como início da expressividade da criança. O material irá auxiliar educadores e responsáveis a respeitar os traços infantis e estimular o desenho, ajudando também na reflexão da importância da expressividade entre os adultos.

A representação do desenho infantil dividida a partir de fases, como é possível ser observado através de importantes nomes, como George-Henri Luquet, Viktor Lowenfeld, Florence de Mèridieu contribuem abundantemente para a pesquisa do desenho infantil, mas tais conceitos diferem-se em alguns aspectos da concepção desenvolvida ao longo dessa pesquisa. Ao pensar no desenho, teremos a cultura como aspecto fundamental no desenho cultivado da criança. Para isso, Rosa Iavelberg, professora da Universidade de São Paulo, será fundamental no embasamento teórico deste trabalho, discorrendo sobre os desenhos de crianças e jovens. Outros autores também serão utilizados como suporte nos debates, como Ana Mae Barbosa e Hernández.

A apresentação do trabalho irá ocorrer através da fundamentação teórico-metodológica, apresentada no segundo momento do texto, onde será discorrido os debates acerca do desenho cultivado da criança, o papel do educador ao longo desse processo, a arte nas escolas, bem como a utilização do uso de imagens na sala de aula. No terceiro momento teremos o desenvolvimento do produto, através da apresentação do livro infantil e a sugestão de atividades que podem ser realizadas através da sua utilização. Para concluir, teremos a síntese do produto desenvolvido e seus apontamentos, apresentando as considerações finais desenvolvidas ao longo do trabalho de conclusão do curso, bem como, os desejos futuros para continuidade da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA-TEÓRICA

Rosa Iavelberg (2008), através do desenho cultivado da criança, demonstra como a cultura visual e o contexto sócio-histórico e cultural possui influências sobre o desenho infantil. O desenho irá desenvolver-se a partir do conhecimento individual que a criança irá construir de si mesma e da interação social construída a partir das experiências vividas a partir do seu meio. O educador tem papel primordial nesse sentido, organizando e orientando as propostas a serem seguidas pelos educandos e promovendo novos saberes.

A cultura visual, segundo Ana Mae Barbosa (2010) é um aspecto necessário em ser debatido; os artefatos visuais, bem como a leitura de imagens, cada vez mais, influenciam os gostos e a identidade das crianças. Vivemos em uma sociedade que somos constantemente afetados pelas imagens, a fim de ampliar o repertório imagético e conhecer mais profundamente as referências. Barbosa (1998), apresenta a Abordagem Triangular composta por três eixos: contextualização, leitura de imagens e o fazer artístico; a abordagem atua através de intenções educativas, desempenhando um papel de mecanismo investigativo; através desta, é possível realizar uma interação entre as crianças/adolescentes/adultos com as obras de arte.

Assim sendo, a interdisciplinaridade é um aspecto essencial no transcorrer dos eixos, visto que a partir dele é possível formar uma visão mais ampla de mundo a partir de temática abordada. Durante a contextualização, é possível tomar conhecimento sobre a história da obra, ou seja, aspectos sobre a vida do artista, o contexto na qual foi elaborada e o seu objetivo. Na leitura de imagens ocorre o momento da interação com a obra de forma analítica; neste instante é realizado a observação dos elementos visuais da obra, analisando as contribuições que elas proporcionam. Por último, o fazer artístico é o instante no qual é incentivado a elaboração de uma produção, a ser realizada a partir das técnicas e procedimentos artísticos aprendidos (Alvares; Baliscei; Stein, 2018).

Considerando o desenho como linguagem da criança, Iavelberg (2008), destaca que este pode-se desenvolver ou não, mediante as experiências, sejam positivas ou negativas do desenhista. Para o educador, torna-se necessário conhecer a origem dos desenhos e seus percursos, a fim de observar os acontecimentos ocorridos na linguagem do desenho. Desse modo, reconhecendo que o conceito do desenho transita no que é socialmente transmitido, as experiências construídas pela criança estão relacionadas mediante ao meio social no que está inserida. Consoante as ideias de Vygotsky (1991), o desenho pertence as aprendizagens sociais e culturais, essas por sua vez, são mediadas por informantes ou fontes de informação.

As experiências vivenciadas por uma criança na zona rural, difere-se da cultura social urbana. Nas zonas rurais é comum que o desenho seja realizado na terra, através de gravetos, pedras ou do próprio dedo. Essa oportunidade, por vezes, torna-se mais dificultosa quando observamos a cultura urbana vivida nos grandes centros. Uma criança desenhando, por exemplo, em paredes na cidade, normalmente são repreendidas, sendo direcionadas aos poucos onde podem ou não desenhar. O grafite é um desses exemplos; muitas vezes confundido como vandalismo, Banksy (2012, p. 95), artista de rua, tece críticas sociais para sociedade e sugere que imaginemos uma cidade onde tal manifestação artística não seja considerada uma prática ilegal: “uma cidade que pareça uma festa para a qual todos foram convidados, não apenas as autoridades e os figurões dos grandes empreendimentos. Imagine uma cidade como essa e não encoste na parede – a tinta está fresca”. São diferentes e inúmeras possibilidades de manifestações artísticas e culturais existentes no mundo, mas sabemos respeitá-las?

Ao pensar nas crianças da educação infantil, torna-se notório observar os amplos movimentos que são realizados como forma de exploração de seu corpo e dos materiais oferecidos. O desenho como forma de expressão torna-se um momento onde as crianças “jogam, exercitam de forma plena e simbólica. Abstraem relações e consolidam uma linguagem singular, de modo que professores reconhecem o autor pelo desenho. A marca pessoal já diferencia os pequenos desenhistas” (Iavelberg, 2008, p. 35). Cada criança, possui traços únicos que vão se desenvolvendo mediante ao seu amadurecimento biológico e as habilidades aprendidas. Proporcionar esses ambientes desde cedo, faz com que os pequenos cresçam imersos ao contato com uma parte importante do universo artístico, as artes visuais.

Consoante, Iavelberg (2008), denominamos de ‘AÇÃÃO’, o momento da rabiscção, ou seja, nesse momento inicial a criança compreende o rabisco como um desenho, torna-se um momento de exploração de seus movimentos. No segundo momento, temos a “IMAGINAÇÃO I”, já é possível notar que o rabisco não é um desenho, a criança já representa diferentes objetos desenháveis. Ao longo dessa prática, o desenhista passa a articular esses símbolos em consonância a imagens narrativas, ou seja, surge a transparência; por exemplo, o desenhista representa uma pessoa, dentro e fora de uma casa, um carro, avião. Esse momento conceitual intitulamos de “IMAGINAÇÃO II”, mas somente durante a “APROPRIAÇÃO” começam a ser atribuído sentidos simbólicos. A partir da percepção ativa, construída ao longo desse processo, é possível afirmar que: “[...] quando percebemos algo, o fazemos com todo nosso corpo de conhecimento, ou seja, a partir de nossos esquemas assimilativos; e que o

conhecimento visual não impressiona nossos sentidos como se nossos sensores fossem uma tábula rasa” (Iavelberg, 2008, p. 46).

2.1 A arte nas escolas

O ensino de arte nas escolas ainda enfrenta muitos desafios. Infelizmente ainda é comum depararmos com pessoas no senso comum que associem a arte como um dom ou um talento, restrito a um grupo de pessoas. Tal atitude elitiza a arte, ou até mesmo, a compreende apenas como a arte pela arte, excluindo-a como uma área de conhecimento, que assim como outras disciplinas, possuem conteúdos próprios a serem ministrados. A utilização de materiais prontos, como folhas para colorir com desenhos previamente definidos, cartões e pinturas apenas em datas festivas, sem contextualizar o motivo da realização da atividade, não reconhecem a arte como matéria, apenas como suporte para ensinar outras disciplinas (Carvalho, 2015).

É notório afirmar que para que o ensino de arte seja contextualizado e proporcione atividades que gerem aprendizados e incentivos é necessário que exista um embasamento e objetivo nas tarefas propostas. Para isso, é necessário que o professor esteja adepto as mudanças e compreenda a importância da arte enquanto disciplina. O não reconhecimento, segundo Ana Mae Barbosa (1989) ocorre quando a lecionam, sem que ofereçam a oportunidade de vê-la; melhor dizendo, quando não proporcionam as inúmeras possibilidades que podem ser desempenhadas, apresentando-a apenas de forma pontual.

Cada ser humano é único e se expressa de maneira individual. Consoante Carvalho (2015), o professor desempenha um importante papel ao inserir seus alunos como seres ativos no processo cultural. Logo, verifica-se que não basta apenas um método para atuar no ensino de arte. Torna-se necessário que o professor seja pesquisador e busque um constante aprendizado. Conforme discorrido por Lúcia Pimentel (2008, p. 26) é fundamental, para que seja possível ensinar é preciso que de antemão, o educador vivencie a arte: "ensinar arte significa possibilitar experiências e vivências significativas em fruição, reflexão e elaboração artística". Desse modo, tenha conhecimento e contato com diferentes métodos, sabendo diversificar suas metodologias satisfatoriamente, mediante aos objetivos desejados; lembrando que cada indivíduo possui uma forma única de expressão.

2.2 O auxílio do educador no desenho cultivado da criança e do jovem

Reconhecendo a importância do desenho como a base de todas as linguagens artísticas, torna-se necessário apresentar aos educadores a necessidade da existência de um ambiente para

o desenvolvimento dos desenhos em sala de aula. Ao pensar nas crianças, essa é uma maneira que pode ser utilizada para que elas possam “expressar seus conhecimentos e experiências, colocando sua poética de modo singular” (Iavelberg, 2008, p. 57). Entretanto, uma orientação adequada é fundamental para garantir um avanço ou uma estagnação no processo criativo.

O aparecimento da adolescência e consequente crise da puberdade, entre os 12 e 14 anos, provoca no desenho, uma regressão ou um estacionamento. A causa, afirmam estudiosos, é a perda da ilusão, do entusiasmo, dos requisitos da visão realista, própria do adolescente, e provocada ou pela escola ou pela evolução da criança (Marino, 1957, p. 31).

Esse processo de estagnação ou bloqueio criativo, antes visto com mais frequência nos jovens, infelizmente já vem sendo observado em alunos da educação infantil que, por vezes, se apresentam inseguros em relação ao resultado de seus desenhos. A queixa relatada quando dizem que não sabem desenhar, é uma ocasião na qual os educadores devem atentar-se, e a partir de então, orientar a aquisição da linguagem do desenho. Para isso, Rosa Iavelberg (2008), sugere propostas de atividades que deem ao aluno, outras imagens de suas competências e habilidades. É interessante nesse momento, libertar-se dos cânones acadêmicos para realizar uma orientação contemporânea; o que reconhecemos hoje como desenho são linhas, gestos e movimentos, que por si, geram os espaços em diferentes tipos de superfícies.

O desenho não possui uma única função, podendo ser utilizado a partir de diferentes objetivos; há aqueles que buscam cumprir funções artísticas, como desenhar para aprender sobre a arte ou para criar; desenhar para ações interdisciplinares, como o desenho de representação encontrado nos mapas em geografia ou, até mesmo, em sistemas representados pela ciência. Encontrado em quadrinhos e textos, como forma de ilustração; ou em pesquisas realizadas na internet. O desenho artístico ocupa diferentes espaços e vem redescobrimo novas funções. O aluno necessita ser incentivado a desenhar, para isso é preciso reconhecer que muitas vezes, esse não é um processo fácil e requer dedicação, constância e orientação do educador (Iavelberg, 2008).

O aprendizado do desenho para criança será favorecido mediante a observação e a conversa com seus pares; é a partir dessa troca que será possível notar como os colegas desenvolveram-se na resolução de problemas, ampliando o repertório e aprimorando o seu percurso criador. Verbalizar o resultado do produto final e a comunicação durante o momento enquanto trabalham, torna-se essencial na aprendizagem. O educador deve trabalhar a autoconfiança de seus alunos, incentivando-o a enfrentar as dificuldades, valorizando o esforço e a dedicação a serem utilizados em detrimento a desistência rápida ao encontrar um obstáculo.

Desenhar com frequência é melhor forma de aperfeiçoamento de traços, destreza e flexibilidade. É através da constância que são aprimorados os saberes cognitivos, procedimentais e qualitativos; logo, a prática faz com que cada pessoa construa seus próprios esquemas na hora de desenhar. Os acessos a diferentes materiais e superfícies, criam novas experiências, favorecendo o aprendizado. A criança materializa o seu universo através de seus traços, permitindo que os adultos, possam conhecer mais profundamente as experiências e conhecimentos que vem sendo construídos e compartilhados.

Existem três momentos nos quais os o educador deve ficar atento nas oficinas de desenho cultivado durante o início do processo de trabalho. Primeiramente, deve existir uma preocupação entre os materiais e as referências escolhidas pelo aluno; o professor tem papel fundamental nesse momento de diálogo com a criança. O segundo momento ocorre durante o desenvolvimento do trabalho; nesse instante é possível que surjam dúvidas e auxílio técnico; o professor poderá intervir fornecendo referências, retomando atividades anteriormente realizadas, propiciando ambientes em que os alunos troquem experiências. Por fim, o término e a recepção do trabalho, nesse momento o educador poderá comentar sem realizar julgamentos, intitulado a produção através do padrão feio ou bonito, deverá considerar o desenho através do ponto de vista da arte da criança, seu caminho de criação e aprendizagem (Iavelberg, 2008).

2.2.1 O papel do educador enquanto incentivador

O livro “O Pequeno Príncipe” de Antoine de Saint-Exupéry (2006) demonstra como os adultos desencorajam as crianças a desenhar. Durante a leitura da obra é possível notar que o pequeno príncipe buscou representar uma jiboia sendo engolida por um elefante, mas ao apresentá-lo para um adulto foi questionado o porquê havia desenhado um chapéu. Não satisfeito, buscando ser compreendido, refez o desenho mostrando o seu interior: “Desenhei o interior da jiboia, a fim de que as pessoas grandes pudessem compreender. Elas têm sempre necessidade de explicações” (Saint-Exupéry, 2006, p. 10).

Dessa forma, aos seis anos de idade foi desencorajado a seguir uma promissora carreira de pintor e foi-lhe indicado a dedicar a disciplinas como história, matemática, geografia e gramática. Ainda hoje nos deparamos com essa mesma vivência dentro dos espaços formais e informais de educação; a disciplina de artes, em diversos momentos, é direcionada como complementação de outras atividades e enfrenta longos debates, buscando seu verdadeiro reconhecimento enquanto disciplina, com conteúdos próprios a serem ministrados, além de aspectos que levam-nos a fruição.

O medo de desenhar ou bloqueio criativo demonstra muito sobre o percurso dessas crianças/jovens/adultos. É preciso estimular a criatividade, para que estas possam desenvolver a capacidade desenhista; o medo desenhar e a representação de si como alguém que não sabe desenhar, infelizmente, é comum em diversas áreas de atuação profissional, onde podemos observar o desenho como parte das atividades. Nesse momento é comum deparar com a padronização; quando ocorre sem que haja uma reflexão, gera um empobrecimento visual e da reflexão dos trabalhos do professor, e principalmente para o sujeito que está sendo formado.

A falta de orientação didática adequada é que gera o bloqueio não a influência da estética adulta (...). Muitos alunos nesse momento afirmam que não sabem desenhar, os professores costumam acreditar que estão bloqueados por insegurança ou submissão a padrões adultos. Mas o aluno está querendo nos dizer: eu não sei desenhar e gostaria que alguém me ensinasse (Iavelberg, 2008, p. 67).

Espera-se que o educador seja um notório protagonista de suas práticas; suas criações, entretanto, ao serem compartilhadas entre seus pares podem servir como um importante material de apoio didático, para o uso pessoal e coletivo. Ao estimular a criatividade, é proporcionado uma nova rede de solução de problemas; o desenho estereotipado, dessa forma, passa a aparecer com uma menor frequência, visto que surgem novos caminhos possíveis de serem percorridos por parte dos educandos. Isso também possui consequências no dia a dia; ao nos depararmos com dificuldade cotidianas também nos utilizamos na capacidade criativa para solucionar esses obstáculos (Kehrwald, 2002).

Segundo Kehrwald (2002), a criatividade, por um longo período, esteve associada a perfeição, um dom inato no ser humano, apenas recentemente essa ideia tem sido desmistificada através da compreensão que todos podem desenvolver-se criativamente, pelas experiências diárias, através do esforço pessoal ou pela educação formal e informal. Para ser criativo, portanto, é preciso esforço, reflexão e preparo; a construção desses sentidos, por sua vez, ocorre no território social. Neste caso, o ensino de arte é um ambiente propício para desempenhar essas funções, contribuindo para a humanização e para compreensão do ser/estar cultural.

Ken Robinson (2015), professor e escritor, defensor de uma escola mais criativa, acreditava que todas as crianças possuem talentos, mas acabamos desperdiçando-os. Desse modo, destaca que a criatividade é tão importante na educação como a alfabetização; é importante reconhecer que precisamos estar prontos para errar, caso contrário não será possível construir uma ideia original. Muitos adultos perdem essa capacidade ao longo da vida e possuem esse receio em errar, algo que deveria ser produtivo, afinal aprendemos a partir dos

erros. Dessa maneira, Robinson (2015) destaca que estamos educando as pessoas para serem menos criativas.

Para compreender o comportamento das crianças, primeiramente é necessário reconhecer que são constituídos a partir de seus contextos sociais, familiares e culturais. Tendo em vista que o desenvolvimento do aluno constrói-se através das suas interações com o meio, as emoções são aspectos essenciais durante o processo de ensino-aprendizagem e relacionamento entre o educador e o educando refletem-se através desse meio (Alencar, 2020).

Não podemos esquecer que amar inclui lidar com o medo, a frustração e a agressividade. A afetividade aproxima o eu e o outro. A agressividade afasta. Sendo a escola uma instância educativa, é óbvio que os alunos revivem e elaboram com seus professores e colegas o modelo familiar. Por isso o âmbito escolar deve ser um espaço afetivo e não competitivo (Sampaio, 2004, p. 64).

Consoante Paulo Freire (1996), o ato de educar diz respeito a amorosidade, ou seja, através da troca de saberes e do diálogo, reconhece-se o outro como sujeito. Essa troca afetiva recoloca o educador e um educando em igualdade, para manter essa relação, todavia, o educador não precisa abdicar da rigurosidade, mantendo a figura de autoridade dentro da sala de aula, mas sabendo que autoridade e autoritarismo são conceitos de diferem-se. É possível existir afeto mesmo quando é necessário chamar atenção dos alunos, que o papel do educador é desempenhar um papel de mediador de conhecimentos (Alencar, 2020).

2.2 A utilização de imagens na sala de aula

Debater sobre a importância das imagens nas salas de aula carrega um grande desafio, visando compreender e exemplificar que as narrativas trazem consigo contextos educativos, bem como, relações sociais. Conforme destacado por Domes e Peixe (2022), as imagens não são definitivas; além da materialidade da obra, suscitam os conhecimentos e pontos de vistas de diferentes pessoas, mediante as experiências vivenciadas por seus receptores. Ainda segundo as autoras, não é possível dissociar as imagens de todos aqueles que tiveram contato com ela e estabeleceram relações com a mesma. São essas experiências que nos impulsionam a realizar novas reflexões e relações quando tratamos de arte.

A incorporação de imagens nas salas de aula, quando utilizadas como propostas de trabalho do educador, criam novas possibilidades de reflexão através da interação com os alunos. O fomento pela construção e reconstrução de histórias, como os percursos de aprendizagem significativa provocam os discentes a possibilidade que vejamos para além das imagens, ou seja, “[...] os conceitos apresentados transcendem aquilo que está diante de nós

para ser visto” (Domes; Peixe, 2002, p. 12). Com objetivo de ampliar os sentidos das obras, torna-se necessário o aprofundamento e a análise dos entendimentos das imagens; ouvir os artistas é uma interessante forma de ampliar essas conexões.

Para isso, a pesquisa é um ato inseparável do ato de educar. Enquanto educadores, o fazer educativo constitui-se em um campo investigativo; Barbosa (1998, p. 17) destaca a importância dos desdobramentos realizados através da arte e seu ensino: “o conhecimento das artes tem lugar na interseção: experimentação, decodificação e informação. Nas artes visuais, estar apto a produzir uma imagem e ser capaz de ler uma imagem são duas habilidades inter-relacionadas”. Dessa forma, conhecer mais profundamente acerca das obras, leva-nos a estabelecer uma maior proximidade com o que está sendo representado.

As histórias de vida são como tecidos que vão sendo tramados pelo tempo, urdidos fio a fio, às vezes com entrelaçamentos mais justos e apertados, às vezes, soltos e desprendidos. Cada fio é uma pequena parte dessa trama, cuja textura promove padrões distintos, desenhos únicos e superfícies variadas. Cada tecido é especial e singular (Domes; Peixe, 2022, p. 21).

Domes e Peixe (2022) destacam que educador e educando tecem a cada dia suas próprias histórias; essas, por sua vez, muitas vezes são tecidas em atividades realizadas em sala de aula. É a partir das experiências e das oportunidades, propostas pelo educador, que os estudantes criam os seus próprios tecidos. A importância de um saber consciente é justamente o que proporciona a aprendizagem no ensino de arte; para isso, Barbosa (2002) destaca que através da arte exercitamos nossa habilidade de formular significados que transcendem as palavras.

Tendo em vista a importância da utilização de imagens nas salas de aula, e reconhecendo que esses espaços sejam ambientes de produção crítica cultural, gerando novos posicionamentos e compreensão do mundo (Hernández, 2007); tais ações oportunizadas promovem a possibilidade de ampliação dos saberes (Domes; Peixe, 2002). As imagens realizadas pelos artistas possuem intencionalidade, muitas vezes desconhecidas a um primeiro instante por aqueles que a observam, para isso, é preciso uma leitura mais criteriosa para que seja possível compreendê-la a partir do ponto de vista de quem a produz. Os docentes também possuem intencionalidade pedagógica e torna-se necessário que assumam esse posicionamento.

Compreender o desenho da criança como uma importante base para o desenvolvimento da identidade infantil é um aspecto fundamental, a fim de sintetizar as discussões propostas. O produto educacional proposto nessa pesquisa, tem como objetivo produzir um material didático, um livro infantil, destacando a relevância do desenho como forma de expressão, podendo ser utilizado dentro dos espaços formais e não formais de educação. Tendo-o como a primeira

forma de expressão da criança, onde ela reconhece seus movimentos e expande seus conhecimentos sobre o mundo (Mendes, 2019), o livro irá auxiliar os responsáveis e educadores a respeitarem a formação da identidade infantil; prática, esta, que deve ser respeitada e preservada.

3 DESENVOLVIMENTO

O produto educacional desenvolvido ao logo dessa pesquisa, visa a criação de um livro infantil, tendo como objetivo auxiliar os debates nos ambientes formais e informais de educação. Seu público alvo está voltado para o público infantil, cuja faixa etária encontra-se a partir dos cinco anos de idade, porém seu conteúdo e provocações estende-se ao público infanto-juvenil e adulto. Podendo ser manuseado por educadores e responsáveis, o material será um importante suporte na criação de debates e na construção de atividades que irão auxiliar no desenvolvimento global das crianças.

Segundo Santos (2022), a literatura infantil necessita de um olhar atento, visto que auxilia no desenvolvimento de ensino-aprendizagem. Ao observarmos a educação infantil, nota-se que a partir da literatura, as crianças constroem experiências lúdicas e prazerosas. Iniciar o contato com os livros desde cedo, auxilia o desenvolvimento da criança, favorece a formação de senso crítico e a ampliação do conhecimento, gera entretenimento, o enriquecimento do vocabulário, o desenvolvimento do afeto, a redução do estresse e ansiedade, a formação de cidadania, o aprimoramento da escrita (Fernandes *et al.*, 2020).

Para isso, o livro desenvolvido ao longo dessa pesquisa propõe-se debater acerca da importância do desenho como forma de expressão. Ao desenhar a criança não pratica apenas uma atividade pontual, mas movimentada todo o corpo, canta, dança, conta histórias. Segundo Derdyk (1993, p. 19): “O ato de desenhar impulsiona outras manifestações, que acontecem juntas, numa unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal do imaginário”. Uma forma de construir debates, acontece a partir da inserção no universo infantil; para isso, o desenho é um importante meio de adentrar nesse contexto. A seguir será apresentado o enredo da história, consecutivamente teremos a exposição do produto educacional, realizado através de ilustrações feitas a partir da autoria própria.

A história desenvolve-se através de Poliana, uma criança criada em meio a natureza, cercada de árvores, flores e frutos. Uma de suas atividades favoritas era desenhar, para isso, andava com seu bloco de desenho por todas as partes. Ao longo dos anos, a menina foi crescendo e as suas responsabilidades foram seguindo a mesma proporção; na escola, as disciplinas tornaram-se mais extensas e os conteúdos aumentaram. A folha de papel que antes era um meio de diversão começou a ganhar novas funcionalidades; o tempo dedicado as produções artísticas foram-se reduzindo, porém Poliana buscava incessantemente meios de incluir seus desenhos em suas práticas. Conforme amadurecia, a menina foi percebendo que

não seria possível dissociar a vida da arte, era um sentimento tão importante que desejava -se aperfeiçoar em suas práticas e torná-la uma prática profissional, trazendo uma reflexão para o leitor na última página que será apresentada a seguir.

3.1 Produto educacional

Figura 1 – Poliana quer ser artista



Fonte: Ilustração autoral (2024)

Figura 2 – Contra capa



Fonte: Ilustração autoral (2024)

Figura 3 – Apresentação de Poliana

**Poliana era uma criança feliz!
Gostava de correr, brincar com as
flores e frutos**



Fonte: Ilustração autoral (2024)

Figura 4 – O contato com a natureza

**As cigarras, tanajuras e vaga-lumes
Ihe chamavam atenção ...**



**... via a natureza
brotar do chão**

Fonte: Ilustração autoral (2024)

Figura 5 – Observação dos espaços

A menina observava e rabiscava...



**Desenhava os sons,
os cheiros, o gosto de
viver**

Fonte: Ilustração autoral (2024)

Figura 6 – O bloco de desenhos

**Poliana crescia e o bloquinho de
desenho foi tendo que disputar novos
espaços**



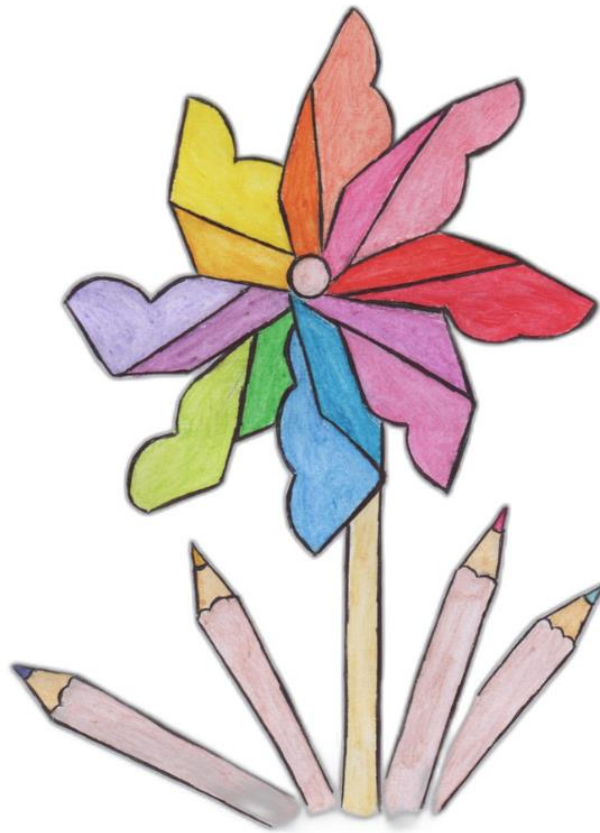
**A última folha do
caderno era sua
maior amiga**

**Naquele espaço
era permitido
rabiscar, criar ...**

Fonte: Ilustração autoral (2024)

Figura 7 – O desenho e a brincadeira

**Desenhava, brincava....
Brincava enquanto desenhava...**



Fonte: Ilustração autoral (2024)

Figura 8 – Folha em branco

**Uma folha em branco podia ser
transformar em tanta coisa...**

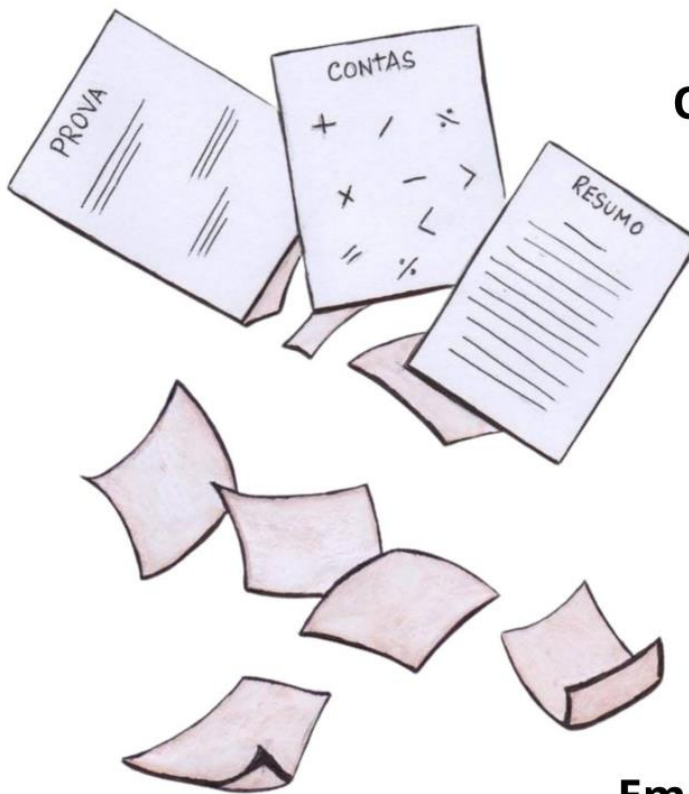
Bastava começar!



Fonte: Ilustração autoral (2024)

Figura 9 – As funcionalidades do papel

**Mas as folhas passaram a ganhar novas
funções ...**



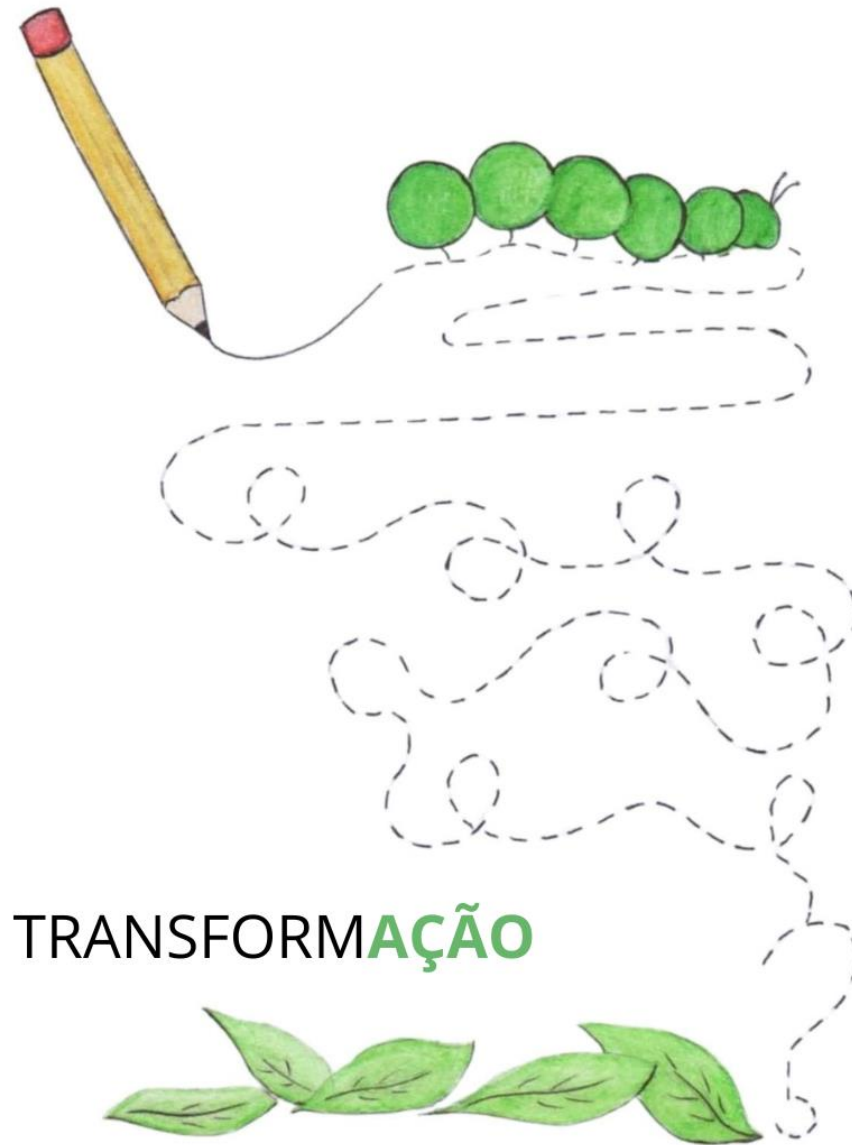
**Onde o desenho
foi parar?**

**Será que ele foi
embora?**

Embora para onde?

Fonte: Ilustração autoral (2024)

Figura 10 – Transformação



Fonte: Ilustração autoral (2024)

Figura 11 – A formação do desenho



Mas o desenho ainda estava ali!

Estava nas linhas do papel, nas letras, no contorno...

Se desfazia e refazia

Fonte: Ilustração autoral (2024)

Figura 12 – Mudanças



Fonte: Ilustração autoral (2024)

Figura 13 – O desejo de Poliana

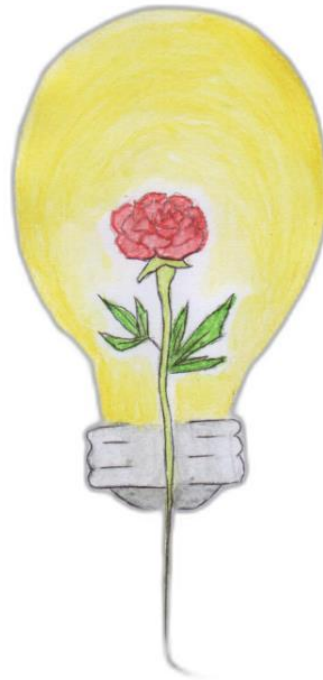


Fonte: Ilustração autoral (2024)

Figura 14 – Tornar-se artista

**De repente, nascia no coração da menina
um desejo:**

“Quero ser artista!”



Fonte: Ilustração autoral (2024)

Figura 15 – Os aprendizados de Poliana

**A menina só não havia percebido que
ainda existe muita coisa para aprender...**



**Não tinha como se tornar artista, pois
artista já havia de ser!**

Fonte: Ilustração autoral (2024)

Figura 16 – As possibilidades do artista



Fonte: Ilustração autoral (2024)

3.2 Sugestões de atividades práticas

Diversas atividades podem utilizar o livro “Poliana quer ser artista” como suporte, a seguir será apresentado algumas atividades práticas que irão contribuir com o debate, após uma leitura atenta, alguns questionamentos podem ser realizados. Sem dúvidas, poderão surgir inúmeras possibilidades na utilização desse material que podem ser aprimoradas mediante o compartilhamento de informações e sua utilização prática. Nesse instante, será apresentado a

sugestão de perguntas que podem ser utilizadas por educadores em um momento de roda de conversa, bem como atividades práticas, como a criação de uma oficina:

- Poliana era uma menina que adorava desenhar, e vocês, gostam de desenhar?

Estimular as crianças a expressar as suas relações com o desenho, sejam elas intencionais ou não, é uma forma de compreender como essa prática está presente na vida de cada um deles. Ouvi-los enquanto produzem e permitir que falem sobre as suas produções é uma forma de expandir as possibilidades e histórias que aqueles traços contêm. Ao observar as crianças pequenas, Derdyk (1993) destaca que os rabiscos a princípio não possuem intencionalidade, ou seja, são realizados a fim de explorar os movimentos, todavia conforme passam a ganhar significados, o desenvolvimento do desenho acompanha esse crescimento.

- Em quais materiais/espacos/ambientes vocês gostam de desenhar?

Conversar sobre diferentes suportes possíveis de serem utilizados para desenhar é uma forma de ampliar o conhecimento sobre as diferentes possibilidades e materiais que podem ser utilizados como experiências: areia, argila, o tecido e o papel, a parede e a pedra. A possibilidade em apresentar diferentes superfícies onde o desenho possa ser realizado, rememora a pré-história, onde ainda é possível nos depararmos em diferentes estados e regiões, com as pinturas rupestres, marcas deixadas por diferentes povos e culturas expostos nas paredes das cavernas, enfrentando a temporariedade e as fronteiras (Derdky, 1993).

- Assim como Poliana, vocês possuem um bloco/caderno de desenho?

A construção de um caderno de desenho visa tornar uma aproximação e identificação da criança com o material a ser utilizado. O reconhecimento com o material facilita a criação de afetos; consoante Paulo Freire (1996) destaca que as relações pedagógicas ao transpassarem a afetividade, levam o desenvolvimento da educação através da prática da humanização, bem como da liberdade e expressão. É notório destacar que as produções não devem se restringir a um único aporte de material, mas esse pode ser um importante meio para incentivar a prática do desenho, visto que poderá desenvolver-se como um diário imagético da criança, onde poderá ter acesso com facilidade.

A realização de oficinas também pode ajudar na construção desses materiais, para isso pode-se desenvolver diferentes possibilidades como oficinas de papel machê, construção de sketchbook (caderno de folhas em branco, a fim de realizar esboços e desenhos), modelagem com argila. Essas são apenas algumas possibilidades de tornar prática a experimentação através

do ensino de artes. Segundo Barbosa (1998), o fazer artístico é de extrema importância para ampliar o repertório imagético da sociedade.

- Onde está o artista que mora em você?

Pensar nas diferentes manifestações artísticas que existem na sociedade é reconhecer que existem diversas vertentes no universo artístico. Segundo a Base Nacional Comum Curricular em Artes (2018), o componente curricular nas escolas está inserido nas seguintes linguagens: artes visuais, dança, música e teatro. Por sua vez, essas dimensões não tratam-se de eixos temáticos quicá categorias, ou seja, inertes de serem modificados. Não existe uma hierarquia para trabalhar tais conhecimentos, para isso, a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) indica que sejam trabalhadas as seis dimensões do conhecimento: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão.

Através da criação pode-se verificar o fazer artístico, as diferentes possibilidades de produção; enquanto a crítica leva os sujeitos em busca de novas compreensões do espaço em que se encontram. A estesia é experiência sensível que os sujeitos possuem no espaço que ocupam, bem como, nas experiências que esses ambientes proporcionam através dos sons, das imagens, do tempo. A expressão é a forma de manifestação do subjetivo em experiências artísticas, seja de forma coletiva ou individual; enquanto a fruição é o prazer, a apreciação, o estranhamento em meio a práticas artísticas e culturais. Por fim, a reflexão é a possibilidade de analisar e interpretar as diferentes manifestações artísticas e culturais (BRASIL, 2018).

Dessa forma, reconhecer as diferentes formas de manifestações artísticas assume as inúmeras possibilidades existentes ao pensar que o artista não restringe-se apenas aos pintores de grandes quadros expostos em galerias e museus. Enquanto docentes, Marques (1999) destaca a importância do papel do educador:

O artista/docente é aquele que, não abandonando suas possibilidades de criar, interpretar, dirigir também tem como função e busca explícita a educação em seu sentido mais amplo. Ou seja, abre-se a possibilidade de que processos de criação artística possam ser revistos e repensados como processos também explicitamente educacionais (Marques, 1999, p. 112).

Logo, propiciar diferentes possibilidades existentes no universo artístico, torna-se uma forma de ampliar o repertório artístico desses alunos. A escola é um ambiente no qual pode-se estimular essas possibilidades. O livro “Poliana quer ser artista” visa instigar o leitor a buscar onde está artista que mora em si; ou seja, onde aquele sujeito possui mais afinidade e identificação para se manifestar artisticamente? São inúmeras possibilidades e, por vezes, é a

partir da testagem, de conhecer diferentes materiais e possibilidades que torna-se possível essa identificação.

4 CONCLUSÃO

Em suma, o produto educacional desenvolvido através dessa pesquisa deu origem ao livro infantil “Poliana quer ser artista”, contando com a ilustração feita através de autoria própria. Não restringindo-se apenas ao público infantil, a leitura proporciona reflexão para público de todas as idades: Onde está o artista que mora em você? Durante a infância, os riscos, rabiscos e garatujas desempenham um importante papel na livre expressão das crianças. A princípio, os riscos buscam explorar os movimentos, por vezes, ainda desconhecidos; ao longo das experiências os traços passam a ganhar significados, ganham nomes, cores, histórias.

As manifestações artísticas podem ocorrer de diferentes maneiras; um exemplo, conforme exposto pela personagem Poliana, seria através das artes visuais, onde possui uma maior afinidade em manifestar seus pensamentos, inquietações e desejos, a partir do desenho. Todavia, são diversas possibilidades da expressividade existentes através das Artes, como a dança, o teatro, a música. Seria um equívoco restringir uma única forma de expressão como soberana ou, até mesmo, a única correta.

Debater sobre as infinitas possibilidades que o ensino de Artes pode proporcionar é um aspecto fundamental debatido ao longo da Especialização em Ensino de Artes Visuais. A oportunidade em trabalhar tais concepções com as crianças desde cedo é o reconhecimento que o desenho infantil não trata-se apenas de um mero rabisco, mas destaca-se como uma importante base na formação da criança. Enquanto educadores, é fundamental que desempenhem um papel de incentivador nas produções infantis, bem como é importante que esse reconhecimento também ocorra a partir de dos pais e responsáveis.

A falta de incentivo e o desestímulo ao desenho como forma de expressão já pode ser presenciada entre crianças, anteriormente vista mais fortemente entre os adolescentes que possuem uma visão mais crítica sobre as produções e, por vezes, se frustram em realizarem uma produção, cujo não se assemelhe fidedignamente a imagem que desejam representar. Infelizmente hoje vivenciamos crianças que relevam que não gostam, ou até mesmo, que não sabem desenhar; justamente em um momento em que o resultado final do desenho não deveria ser uma preocupação, mas sim o processo de criação, imaginação e descoberta.

No primeiro instante, esse trabalho buscou discorrer a relevância do desenho infantil, bem como a necessidade de ser um debate ainda decorrente entre os espaços formais e informais de educação. Essa pesquisa revisita os debates construídos através da formação inicial na graduação em pedagogia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, cujo tema foi: “O papel do desenho na formação da identidade infantil: meros rabiscos ou importante base?”

(Mendes, 2019). Dessa vez, pensando em um produto prático visando proporcionar um material a ser utilizado por educadores e responsáveis.

No segundo instante o trabalho contou com a fundamentação teórico/metodológica onde foi possível observar a apresentação, bem como, discorrer sobre conceitos e autores que embasaram a formação desse produto. Para isso, foram utilizados como referência Ana Mae Barbosa, Rosa Iavelberg, Paulo Freire, como também, outros teóricos que trouxeram contribuições para pesquisa. Conceitos foram apresentados e aprofundamentos, e foram discutidos aspectos como a arte na sala de aula, a notoriedade do papel do educador enquanto incentivador, e a importância da utilização do uso de imagens em sala de aula.

Por fim, apresenta-se o produto educacional, tendo como produção o livro infantil “Poliana quer ser artista”. O enredo trata-se da história de uma criança, que pode-se assemelhar a realidade vivenciada por muitas crianças e jovens que possuíam uma identificação com as artes visuais, mas por diversos motivos, podem ter se desmotivado ao longo dos anos, deixando de lado essa forma de expressão. A busca para impedir que esse afastamento aconteça durante a infância e no transcorrer da fase adulta é uma maneira pelo qual torna-se essencial debater sobre essa temática.

Nesse momento, são apresentadas algumas atividades que podem ser realizadas através da utilização do livro, mas são diversas possibilidades podem surgir através de seu manuseio e leitura de “Poliana quer ser artista”. O compartilhamento dessas atividades, sem dúvidas, será enriquecedor para ampliar o acesso ao produto educacional fomentado ao longo dessa pesquisa. A rede de apoio criada ao longo de propostas de atividades é uma contribuição enriquecedora para prática docente.

Assim sendo, tornar o livro em um material palpável, seja a partir de um livro físico ou Ebook é um desejo que tem-se formado ao longo dessa produção, sendo um dos futuros direcionamentos da pesquisa. Visando atingir um maior público de leitores, a propagação do material irá difundir o debate, permitindo-o gerar reflexões em diferentes espaços, sejam dentro de meios formais de educação, como também, ambientes informais; e em diferentes idades, permitindo uma reflexão mais profunda e a partir de outras vertentes e vivências, mediante ao contato com o leitor.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Deuzami Castro Ribeiro. Relação educador e educando: afeto e amorosidade. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 11, n. 2, p. 205-214, ago./dez., 2020.

ALVARES; Daniele Luzia Flach; BALISCEI, João Paulo; STEIN, Vinícius. **Conhecendo o Image Watching e a Abordagem Triangular: Reflexões Sobre as Imagens da Arte no Ensino Fundamental**. Editora Unijuí, n. 104, p. 395-416, jan/abr., 2018.

BANKSY. **Guerra e Spray**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. 8. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. **Estud. av.** v. 3, n. 7, dez, 1989.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/arte, 1998.

BARROS, Manoel de. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular: educação é a base**. Brasília: MEC/SEF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 07 dez. 2024.

CARVALHO, Valéria Luzia Fernandes. **O desenho como forma de expressão no Ensino de Artes Visuais**. 2015. Monografia. 45 f. Especialização em Ensino de Artes Visuais – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2015.

CORTELLA, Mario Sergio. **A arte é necessária?**. Youtube, 2 ago. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XA7gpheQ1I4>. Acesso em: 19 set. 2024.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: O desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1993.

DOMES, Amélia Maña; PEIXE, Rita Inês Petrykowski. Quando as imagens entram na sala de aula, tecem histórias, promovem diálogos e ampliam a compreensão artística. **Revista GEARTE**, Porto alegre, v. 9, 2022.

FERNANDES, Caroline Rodrigues de Freitas; *et al.* A prática da leitura na educação infantil e anos iniciais: contribuição para o desenvolvimento da criança. *In*: FREITAS, Dayana Lúcia Rodrigues; PAIVA, Luciano Luan Gomes; FERNANDES, Caroline Rodrigues de Freitas (Org.). **Amplamente: Educação no século XXI**. Recife: Even3, 2020, p. 83-93. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/amplamente-educacao-no-seculo-xxi--volume-02-148175>. Acessado em: 05 dez. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 25. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

HERNÁNDEZ, Fernando Hernández y. **Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

IABELBERG, Rosa. **Desenho na educação infantil**. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

IABELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores**. 2 ed. Revista de Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

KEHRWALD, Isabe Petry. **Processo Criativo e sua função social**. Revista da Fundarte, v. II, n. 4, jul./dez., 2002.

MARINO, Divo. **O desenho da criança**. São Paulo: Editora do Brasil, 1957.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de Dança Hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 1999.

MENDES, Mônica Andrade. **O papel do desenho na formação da identidade infantil: meros rabiscos ou importante base?** 2019. Monografia. 62 p. Graduação em Pedagogia – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2019.

MÈREDIEU, Florence de. **O Desenho Infantil**. São Paulo, Cultrix, 2006.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa (org). **Metodologias do ensino de artes visuais**. *In*: Curso de especialização em ensino de artes visuais. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2008, p: 8-21.

QUINTANA, Mário. **Nova Antologia Poética**. 3 ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1983, p. 111.

KEN Robinson diz que as escolas acabam com a criatividade. TED BRASI, 29 abr. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M2pRR_w-5Uk. Acesso em: 3 out. 2024
SAINT-EXUPÉRY, A. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

SAMPAIO, Dulce Moreira. **A pedagogia do ser: educação dos sentimentos e dos valores humanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SANTOS, Eloá Bartolo Teixeira. A literatura infantil no desenvolvimento do ensino-aprendizado na Educação Infantil. **Revista Educação Pública**, v. 22, n. 4, 2022.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.